Cuidar de si próprio. Cuidar dos próximos. Cuidar como forma de estar. Acho que é algo em que é urgente pensar hoje em dia.

A partir de uma conversa com
SUSANA MOREIRA MARQUES

MIGUEL BALTAZAR

A linguagem pode ser uma prisão

A forma de um mosquito, elegante e belo, mas também assustador, parece vigiar a exposição. É uma imagem maternal, mas também devoradora. Como todas as ideias de identidade. Bruno Zhu cresceu em Viseu, numa família de imigrantes chineses. Estudou no Porto, em Londres e em Amesterdão. A sua língua materna, o português, não lhe foi ensinada pela mãe. A língua da mãe é-lhe quase estrangeira. Mas Zhu encontrou no seu trabalho artístico uma forma de comunicar. É um trabalho que olha para o passado e para o futuro. Que acusa e que perdoa. Descreveu a exposição que está na Kunsthalle Lissabon, em Lisboa, até 5 de Maio, como uma exposição relutante. Depois de um percurso fora, não sabia como regressar a uma casa que não sabe se é sua. No espaço da exposição, há objectos que remetem para o interior das casas e dos corpos como casas, mas também para um desejo de partida.

1.

Voltar para casa, do ponto de vista artístico, foi pensar em trabalhar na língua materna. Foi pensar na ideia de casa em todas as suas variadas formas. A casa como um espaço, mas um espaço que é físico e psíquico ao mesmo tempo.

No meu percurso, nos últimos dois anos, tenho envolvido a minha família em vários projectos e agora [para a exposição em Lisboa] achei natural trazê-la outra vez para o espaço expositivo.

Na minha última contribuição cá [em Portugal], numa exposição em Serralves, tinha convidado a minha mãe para fazer curadoria. Isso deu-me curiosidade para continuar este diálogo com a minha mãe, e também com a minha irmã, e acabou por levar a um projecto de curadoria na loja dos meus pais em Viseu.

Quando a Kunsthalle Lissabon me convidou para fazer a exposição, gostei da ideia de voltar à minha mãe, mas desta vez como uma actriz secundária. Neste trabalho, a minha mãe volta mais como um fantasma. E, para mim, existe uma diferença entre o fantasma e uma musa. Uma musa é um ser objectificado. O fantasma tem uma presença muito mais ambígua e mais poderosa, porque trabalha com noções de superstição e de medo.

Olhar para a minha mãe, não como a minha mãe, mas como figura materna e como fantasma que pode assombrar um espaço expositivo, abriu a possibilidade de olhar para os objectos de maneira a formar uma constelação que reflicta noções do cuidar. Cuidar de si próprio. Cuidar dos próximos. Cuidar como forma de estar. Acho que é algo em que é urgente pensar hoje em dia.

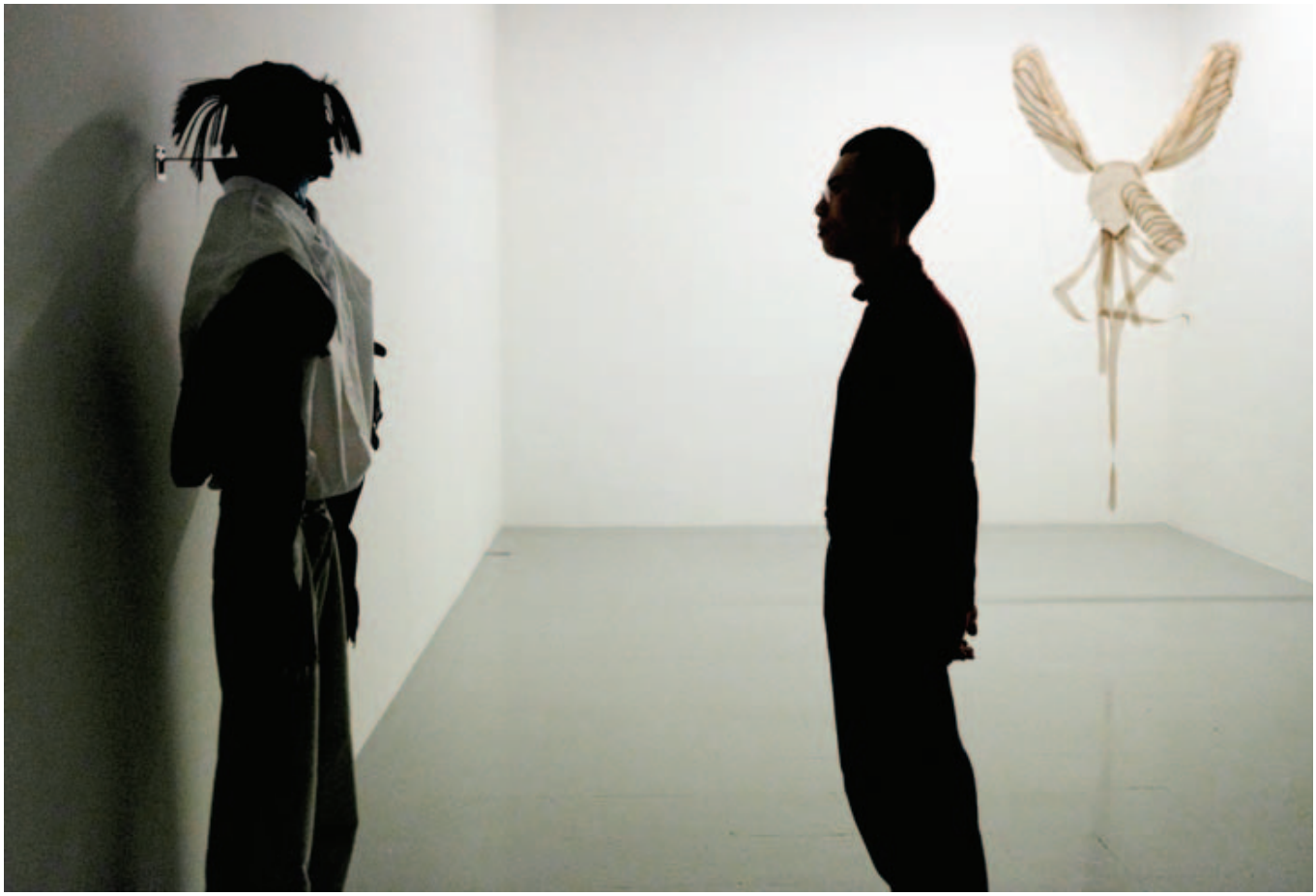
Os objectos na exposição demonstram um cuidado extremo, na sua prática. São em tecido. São costurados por mim, com vários detalhes. Há mesmo uma mesquinhez neste cuidar e talvez uma presença violenta. Cuidar para uns pode ser uma transmissão de amor, de carinho, mas cuidar para outros pode ser algo violento e agressivo.

2.

Quando volto a Portugal, a minha noção da língua é feminina, mas a verdade é que a minha língua materna não me foi ensinada pela minha mãe: foi-me ensinada por uma instituição, por uma escola. Toda a construção da minha identidade [como português] ou de uma ideia de ser português foi artificial. A figura materna pode ser uma figura biológica, mas também pode ser uma figura institucional e eu posso dizer que sou um híbrido; um produto destas duas mães.

A língua que aprendi dos meus pais não é o mandarim, a língua chinesa oficial, mas um dialecto regional que é inútil quando vou para a China. Quando vou a um restaurante ou a uma loja chinesa, seja aqui em Lisboa ou em Paris, a primeira coisa que me perguntam é: mas como é que tu não sabes falar mandarim? Riem-se de mim.

Eu não sou muito fluente no dialecto e a comunicação entre mim e a minha mãe é muito simples, à base de coisas como: estás com fome? Precisas de dinheiro? Como qualquer conversa entre pais e filhos. Quando comecei a convidá-la para entrar no



meu mundo, fiquei surpreendido por ela mostrar curiosidade.

Estes projectos têm criado momentos muito interessantes de conversa entre mim, ela e o Google Translate. Tento explicar de uma forma simples certas noções em que estou interessado em desempacotar no espaço da loja dela, no projecto de curadoria, por exemplo, ou no meu trabalho como artista. Mas com cuidado. No momento em que o Google Translate traduz, eu não tenho controlo sobre como é que aquilo sai em chinês. Por exemplo, se quero explicar-lhe a noção de "queer", e não sei dizer "queer" em mandarim, pode ser altamente problemático. A linguagem pode ser uma prisão.

Mas, para mim, esta conversa tem sido uma das coisas mais desafiantes – e ultrapassa o trabalho. É uma forma de encarar a vida. Sobretudo se olharmos para o espaço expositivo como uma forma generosa de narrativa.

Em vez de olhar para a família como um absoluto, olho como uma ficção, e é um portal para desencaminhar e distorcer os protocolos dados pela nossa educação e pelas várias instituições que nos modelaram a vida.

Tudo à nossa volta nos diz para nos comportarmos de certa forma, mas cada vez acredito mais que a arte ultrapassa isso, tem poderes.

3. Cresci em Viseu. Estudei no Porto, na Escola [de ensino artístico] Soares dos Reis. Depois, fui para Londres fazer design de moda. Achei que seria uma carreira. Até hoje não sei se quero fazer arte. Mas tomei a decisão de fazer um mestrado de artes plásticas em Amesterdão, onde fiquei depois a viver.

Enquanto estudava design de moda, fazia fotografia e acabei por começar a mostrar o meu trabalho em exposições. Mas não queria fechar-me num meio só.

Foi no segundo ano do mestrado que comecei a pensar que a imagem pode ser um agente tridimensional. Torna-se num corpo que nós podemos ir contra, podemos abraçá-lo, beijá-lo, dizer olá e conviver com ele. Foi aí que o meu passado de moda se tornou evidente, tornou-se lógico voltar para uma linguagem que já me era familiar – trabalhar com moldes, trabalhar com tecidos – para construir este novo panorama, esta nova paisagem de corpos que são simultaneamente superfícies, que nos afectam fisicamente.

4. Acho que é uma falácia dizer que, porque nasci cá e tenho um bilhete de identidade português, sou um artista português. Toda a minha educação artística é da Europa Central e anglo-saxónica.

Quando me convidaram [para fazer esta exposição], inicialmente eu estava relutante, porque me senti um importado. Não é um regresso orgânico, é um "import".

Não há uma forma correcta de lidar com esta questão. De certa forma, mal conheço Viseu, só conheço o centro de Viseu. Digamos que praticamente só conheço a Ribeira do Porto. Há um conhecimento tão fragmentado do que é a cultura portuguesa para mim que é difícil admitir que sou um artista português. Mas parte da minha relutância tinha que ver com a gentrificação. Parece que há um desespero de Lisboa e do Porto para fazerem parte do mundo artístico. Sempre pensei que Portugal pudesse ser único na sua situação periférica e é uma pena. Não quero soar romântico: não acho que Portugal seja um refúgio. Mas isto de toda a gente querer estar na auto-estrada mete-me medo.

É desconfortável voltar para Portugal, um sítio que já me é difícil chamar casa, e que em 2018 nem parece ser uma casa: é mais um aeroporto como vários outros onde já estive, e não sei se isso é bom. W

Parece que há um desespero de Lisboa e do Porto para fazerem parte do mundo artístico. Sempre pensei que Portugal pudesse ser único na sua situação periférica e é uma pena.